

AMBIVALENCIA DAS ATITUDES PRECONCEITUOSAS FRENTE AOS GRUPOS SOCIAIS MINORITÁRIOS BRASILEIROS

AMBIVALENCE OF THE ATTITUDES AHEAD IN THE MINORITIES SOCIAL GROUPS BRAZILIAN

Nilton S. Formiga

Mestre em psicologia social pela Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Correspondência:

Avenida Guarabira, 133. Bairro de Manaíra.

CEP.: 58038-140. João Pessoa - PB.

Telefones: (83) 32471257 / 88376980

nsformiga@yahoo.com

RESUMO

O preconceito é visto em muitos países como inexistente, talvez se deva ao fato de que em alguns deles desenvolveram-se normas que coíbem a discriminação contra grupos minoritários. Situações contraditórias, tais como, as disparidades nos indicadores sócio-econômicos das minorias mostram o preconceito assumindo formas de expressão que não contrariam diretamente essas normas. Neste estudo pretende-se conhecer mais acerca do preconceito destinado aos grupos de negros e de homossexuais. 217 pessoas de ambos os sexos da população geral da cidade de Palmas-TO e idades entre 16 a 21 anos responderam a escala de preconceito em relação a grupos minoritários e questões de caráter sócio-demográfico. A partir de uma análise dos Componentes Principais (PC), verificou-se a existência de dois fatores: Atitudes Preconceituosas Negativas e Atitudes Preconceituosas Positivas; o que era teoricamente esperado.

Palavras-chave: Preconceito, ambivalência, minorias sociais

ABSTRACT

In many countries racial tension is considered nonexistent, maybe its due to the fact that many of them developed rules that forbid discrimination against smaller social groups.

Contradicted situations, such as, differences social economical indicators of than minorities groups show racial tension taking forms of expressions that don't go directly against those rules. In this study we intend to know more about racial and homosexual tension.217 both gendered people of the general population from Palmas – TO and ages between 16 and 21 answered questions about small group prejudice and social demographic questions. Based from the analysis of the principal components, the results of the extraction revealed the existence of two factories: Negatives Discriminative Attitudes and Positive Discriminative Attitudes; what was waited theoretically.

Key Words: Prejudice, ambivalence, social minorities.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos muito se tem escrito sobre preconceito e suas diversas perspectivas teóricas no intuito de compreendê-lo, apesar disso, parecem serem poucas as soluções concretas a respeito desse fenômeno, pois mesmo sendo legalmente proibido em vários países segue ocorrendo nas práticas sociais cotidianas discriminatórias. Além disso, parece assumir uma dinâmica tão complexa e escorregadia, que quando se pretende responder diretamente acerca da origem ou manutenção desse problema nas relações interpessoais, inevitavelmente se depara com suas várias vertentes teóricas, pautadas em aspectos da política, da economia, da educação, da psicologia, entre outros, o que torna mais difícil entender a sua manutenção.

Dois aspectos, porém, são consensuais nesta temática: que este é um fenômeno multideterminado e que tem manifestado mudanças no seu modo de expressão no contexto da sociedade atual (Biernat, Vescio, Theno & Crandall, 1996; Gómez & Huici, 2001; Navas, 1998). Os principais termos teóricos empregados em oposição ao preconceito tradicional, flagrante (Allport, 1954; Jones, 1972) são: Racismo Simbólico ou Moderno (McConahay & Hough, 1976); Racismo Aversivo (Gaertner & Dovidio, 1977); Racismo Ambivalente (Katz & Hass, 1986) e Preconceito Sutil (Pettigrew & Meertens, 1995). Estas nomenclaturas servem para expressar a idéia de que a discriminação aberta, que remete a crenças quanto à inferioridade do grupo minoritário e o distanciamento social para com os membros deste grupo, está sendo substituída por formas mais sutis no tratamento discriminatório (ver Formiga, 2004).

Assim, os teóricos atuais preocupam-se em desvendar as formas sutis de tratamento, que reproduzem tais atitudes e atos sem desafiar as normas sociais de deseabilidade (Vasconcelos e cols., 2005). Com isso, é possível observar que essas formas mutáveis do preconceito nas sociedades modernas, as quais vem sendo influenciadas por normas sociais carregadas com grito de justiça e direitos igualitários, revelam uma espécie de combate psicossocial no qual apenas o

sujeito troca a camuflagem de sua expressão condutual ou do discurso (Formiga, Yepes & Alves, 2004; Swim, Mallett & Stangor, 2004; Thomas & Esses, 2004) na sua interação social.

Muitos estudos com ênfase teórica e metodológica têm sido desenvolvidos (ver, por exemplo, Camino, Silva, Machado & Pereira, 2001; Lacerda, Pereira & Camino, 2002; Martinez, 1996; Vasconcelos e cols., 2005), o que contribui para uma diversidade interpretativa no que se refere à explicação da dinâmica da manutenção do preconceito nas relações interpessoais. Assim, considerando dois grupos minoritários, alvos de estudos na sociedade brasileira, os homossexuais e os negros, objetiva-se aqui analisar a organização item-fator da escala de atitudes preconceituosas frente aos grupos minoritários, bem como, avaliar, a partir de uma análise descritiva, as atitudes frente a tais grupos.

PRECONCEITO: CONCEITOS E AMBIVALÊNCIA

As práticas de extermínio, expulsão, confinamento, humilhação etc., observadas ao longo da história têm sido práticas contra diversos grupos minoritários, por exemplo, negros, judeus, índios, mulheres, homossexuais entre outros. Contudo, verifica-se que tais práticas não ocorrem e não se expressam na atualidade com a mesma amplitude; poder-se-ia dizer que o preconceito acabou, contudo, como dito, uma análise mais pormenorizada do fenômeno revela outras interpretações (Martinez, 1996; Lima & Pereira, 2004). O preconceito apresenta, em sua manifestação, algo de ambivalência, tema que tem sido deveras abordado (Glick & Fiske, 1998; Glick E Cols., 2000; Katz & Hass, 1986; Tougas, Brown, Beaton & Joly, 1995), antes, porém, de considerá-lo, apresentar-se-á algumas definições para o preconceito e outros termos correlatos.

No que diz respeito a definição do preconceito, tentar obter apenas uma única forma em dissertá-la é tarefa dita impossível, haja vista as diferentes abordagens que existem para serem analisadas (Costa, 2001; Martínez, 1996; Myers, 2000). Definições clássicas são apresentadas por Allport (1954) e Jones (1972). O primeiro concebe o preconceito como uma antipatia baseada numa categorização errada e inflexível, que pode ser abertamente sentida ou expressa, a qual poderá ser dirigida a um grupo ou a um indivíduo em específico, pelo fato de ser membro de tal grupo. Já para o segundo autor, este fenômeno, assim como o nome expressa, refere-se a pré-julgamentos negativos sobre os membros de uma raça ou religião ou sobre os ocupantes de qualquer outro setor social. Tais pré-juízos podem ser considerados como crenças sobre a natureza e as características de um grupo social, constituindo, assim, os aspectos cognitivos implícitos na noção de preconceito.

De acordo com Oakes, Haslam e Turner (1994), dentre os aspectos cognitivos o que tem merecido maior destaque são os estereótipos, noção introduzida por Lipmann (citado em Formiga, Santos & Santos, 1999) que tem por função mais ampla estabilizar e fazer mais previsível e tratável o mundo social do sujeito, mesmo em termos de generalizações imprecisas. Quando direcionados às pessoas, essas generalizações estão baseadas no fato de pertencerem a

um grupo ou uma categoria social. Desta maneira, fala-se em Estereótipos Sociais (Tajfel, 1981), pois estar se fazendo referência às crenças ou características compartilhadas por um grupo social. Na abordagem da Cognição Social os estereótipos são elementos fundamentais do processo de categorização social, sendo responsável por muito de nossos pré-julgamentos. Assim, a partir dessa perspectiva, o preconceito é entendido como um erro no processamento de informações. Atualmente, as atribuições e as justificações da discriminação estão também no foco das atenções por constituírem as crenças sobre a natureza da discriminação (Costa, Maciel & Camino, 1996).

Na perspectiva das relações intergrupais o preconceito é explicado em função do fato de um indivíduo pertencer a um grupo social. A Teoria da Identidade Social desenvolvida por Tajfel no final da década de 70, trata-se de uma das teorias que possibilitam uma compreensão psicossocial dos fenômenos intra e intergrupais (Bar-Tal, 1996). Esta aponta que os atores sociais adotam uma identidade pessoal e também desenvolvem, a partir de sua pertença aos vários grupos que crêem pertencer, uma identidade social. É a partir de tais identidades que o ator social orienta suas condutas, organiza seus projetos e busca resolver suas contradições em interações com outros. Enquanto construção social, as identidades pautam-se na identificação com o endogrupo e também na diferenciação com o exogrupo (Albuquerque, Vasconcelos & Coelho, 2004).

A Teoria da Identidade Social parte da premissa de que todos têm uma necessidade de lograr uma identidade individual positiva e que o *status* que têm os grupos de pertença contribui para conseguir tal feito. Assim, o indivíduo encontra-se num contínuo processo de comparação grupal, avaliando o endogrupo de maneira que supere sempre o exogrupo (Digrotas, Insko & Schopler, 1996). É nesse sentido que Turner (1994) aponta a tendência dos indivíduos avaliarem o próprio grupo em termos positivos para, assim, avaliarem a si mesmos positivamente. Tal necessidade contribui para o Favoritismo Endogrupal, fato que desde 1981 já tinha sido comentado por Turner (Albuquerque e cols., 2004). Este autor aponta que apenas o fato de categorizar dois grupos de maneira excludente já produz tal favoritismo, destacando a existência relacional entre aspectos psicossociais e práticas sociais.

Com isso, por discriminação entende-se um comportamento de exclusão dirigido a um membro de um exogrupo, que pode ser exercido através de segregação observada em instituições sociais e que, dessa maneira, disseminam o preconceito (Myers, 2000). Este autor assegura que a discriminação é uma conduta negativa injustificável contra um grupo e seus membros e que tem como processo subjacente: *o preconceito*. A discriminação pode aparecer de forma direta, expressa de maneira clara com proibições ou tratamento desigual a um indivíduo ou grupo, ou de forma indireta e automática, estando mais presente na sociedade atual (ver Lima & Vala, 2004). Em suma, a discriminação é um fenômeno complexo que, por um lado, implica diversos aspectos psicológicos e, por outro, práticas econômicas, sociais e culturais específicas. Quanto ao preconceito, pode ser apresentado como uma forma de relações intergrupais, onde um grupo deprecia e discrimina outro. Além disso, nesta temática há de se considerar também as relações de poder estabelecidas entre os diversos grupos, destacando que essas relações intergrupos se

desenvolvem em um contexto de conflitos culturais e ideológicos de uma sociedade (Camino, 1996; Doise, 1991; Lacerda, Pereira & Camino, 2002) e não no vazio.

Uma das mudanças mais notáveis sobre a temática em questão é que, atualmente, a maioria das pessoas diz não ser preconceituosa (Camino, Silva, Machado & Pereira, 2001; Santos & Silva, 2005), valoriza negativamente o racismo ou qualquer outra forma de discriminação e crêem que se tem que acabar com todo tipo de conduta discriminatória. Além disso, nota-se na sociedade uma enorme simpatia direcionada às organizações e programas institucionais que lutam contra o racismo, tudo converge para mostrar que a maioria (por suposto, não a totalidade) das pessoas, da maior parte dos países se pronuncia hoje contra a discriminação a grupos minoritários (Santos & Silva, 2005).

A este respeito algumas abordagens enfatizam que o preconceito e sua manifestação mudaram, que existe hoje, novas formas de preconceito (MARTINEZ, 1996; PETTIGREW; MEERTENS, 1995; PEREZ, 1996). Na perspectiva do Racismo Ambivalente (KATZ; HASS, 1986) propõe-se um exagero tanto nos aspectos positivos quanto dos negativos. Salienta-se nesta teoria a ambivalência das atitudes racista, o caráter situacional da expressão das atitudes e comportamentos racistas e o papel da tensão entre valores igualitários e individualistas. Um clássico exemplo encontra-se nas atitudes anti e pró-negro nos Estados Unidos da América que se derivam de dois valores básicos próprios desse povo, quais sejam, o individualismo e o igualitarismo. Costa (2001, p. 61) aponta que “a tensão entre ambos gera ambivalência e esta gera emoções negativas, ao nível da representação do eu”. Assim, complementa a autora, com o objetivo de reduzir esta tensão emocional, as respostas relativas a um alvo específico são ampliadas, sendo a direção de tal ampliação orientada por fatores contextuais.

Complementando a análise das novas formas de preconceito, Gaertner e Dovídio (1986) propõem que o novo racismo, chamado pelos autores de Aversivo, caracteriza-se pelo fato dos indivíduos que o partilham integrarem os valores igualitários no seu autoconceito. Na prática, tais indivíduos apóiam as políticas sociais em favor dos grupos excluídos, consideram-se não preconceituosos; contudo, têm sentimentos e crenças negativas que procuram negar (VERA; MARTÍNEZ, 1994), supervalorizando as positivas (SANTOS; SILVA, 2005).

Para Sears (1981, citado por COSTA, 2001) são as ameaças aos valores culturais, e não os conflitos de interesses econômicos que explicam a nova forma de racismo. Por outro lado, Pettigrew e Meertens (1995; FORMIGA, 2004) concebem que a natureza sócio-normativa é o fator de grande influência nas expressões do preconceito, pois alguns indivíduos com o intuito de não desrespeitar tais normas, desenvolveram formas mais sutis de expressão do preconceito. Assim, Perez (1996) arremata tal temática ao dizer que a expressão do preconceito ao nível dos estereótipos se dá a partir do favoritismo pelo endogrupo em dimensões exageradamente positivas e não mais pela discriminação do exogrupo em dimensões negativas, o que tem recebido cada vez mais sustentação empírica (COSTA, 2001).

Outro fator que revelam as idéias de que o preconceito apenas mudou a sua apresentação e não foi extinto refere-se à realidade expressa em forma de indicadores sócio-econômicos

(AMADIO; OMAR; FORMIGA, 2002). Se considerarmos a estrutura social, tanto no âmbito educacional, quanto no que tange aos empregos e salários, por exemplo, os negros encontram-se ainda em níveis inferiores na sociedade. Sendo este aspecto pautado por fatores históricos, mas, sobretudo, expressa a discriminação existente ainda hoje na sociedade. (ASSMAR; FERREIRA, 2004; VER GLOBO, 2001; SANTOS; SILVA, 2005) justificado por uma espécie de meritocracia (LIMA, 2003) aponta ao sucesso ou não dos grupos minoritários.

Desta maneira, a partir dessa perspectiva, pode-se vislumbrar que a maior parte dos estudos se dedica em estudar o preconceito, principalmente direcionado aos negros. Inclusive, as teorias apresentadas se inserem melhor em tal problemática. Com relação às outras minorias, todavia, especificamente as sexuais, os avanços de tolerância são menores. Os homossexuais são fruto de expressões do preconceito ainda mais agressivas e hediondas, alguns casos podem ser observados, por exemplo, podendo ir dos espancamentos aos assassinatos.

Lacerda, Pereira e Camino (2002) citando um estudo desenvolvido por Frank e McEneaney (1999) apontam que em 86 nações há uma tendência discriminatória entre casais do mesmo sexo. Todavia, observaram estes últimos, que as formas como as relações homossexuais são tratadas são diversas de uma nação para outra, pois as expressões de discriminação são distintas em função de que em alguns países a Constituição assegura um conjunto de direitos, em outros, contudo, as práticas homoeróticas são punidas.

Em seu estudo sobre as explicações dadas à homossexualidade, Lacerda, Pereira e Camino (2002) estudaram as Representações Sociais de universitários paraibanos, apontando que as possíveis explicações para a homossexualidade têm sido elaboradas sócio-historicamente, apresentaram que em algumas civilizações antigas, tais como Grécia e Roma, essas relações eram repudias apenas em caso de ameaça da hierarquia social. Na tradição judaico-cristã essas práticas tornaram-se pecaminosas, sendo concebidas como tentação demoníaca e descumprimento da Palavra de Deus. Os autores acrescentam que a visão Ocidental acerca da homossexualidade foi influenciada por tais visões antagônicas. Historicamente, foi só no século XIX que a medicina a definiu como uma doença fisiológica causada por distúrbios genéticos ou biológicos. Deveu-se a Freud, no século XX, uma visão um pouco menos moralista ao conceito; entretanto ainda vista como algo anormal, dado o fato da Psicanálise introduzir uma visão psicologia e apresentar a homossexualidade como um distúrbio no desenvolvimento da sexualidade.

Nos anos sessenta consolidaram-se o Movimento Gay, e a Associação Americana de Psicologia compreendeu que seria necessário mudar a maneira de conceber a homossexualidade ao situá-la no quadro das orientações sexuais, retirando o status de doença psicológica. No Brasil, foi em 1985 que o Conselho Federal de Medicina, por pressão de várias entidades científicas, passaram a não desconsiderar a homossexualidade como uma doença. Em 1999, o Conselho Federal de Psicologia, com base em denúncias apresentadas pela Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis, promulgou a Resolução 001, além de desconsiderar a homossexualidade como doença, distúrbio e perversão, tem por finalidade estabelecer aos profissionais de psicologia normas de atuação em relação à temática da orientação sexual. Apesar de todos estes

acontecimentos, de acordo com Lacerda, Pereira e Camino (2002, p. 167) “sem expressar um preconceito explícito contra os homossexuais, boa parte dos psicólogos tratam a homossexuais como um distúrbio que deve ser assumido ou, se possível, superado”. De acordo com o exposto, estes autores apontam cinco possíveis modelos explicativos à homossexualidade: biológico, psicológico, psicossocial, religioso e ético-moral, e defendem a idéia de que as formas de preconceito apresentadas pelos indivíduos estão pautadas nas explicações que estes possuem a despeito da homossexualidade.

Sem dúvida, a problemática do preconceito é algo que merece melhor ser estudada, seja ele direcionado aos negros, às mulheres, aos homossexuais, ou qualquer outro grupo social. Estudá-lo, porém, merece cuidado dado ao fato de sua complexidade, influenciado por variáveis individuais, sociais e até sócio-estruturais (ver LIMA; PEREIRA, 2004). De fato este fenômeno tem seguido uma diversidade interpretativa no que se refere a sua manutenção, tanto teórica quanto metodológica, o que tem permitido uma melhor compreensão de sua existência, e mais, sua nova manifestação. Assim, considerando dois grupos minoritário alvo de estudos na sociedade brasileira, os homossexuais e os negros, é possível acompanhar no cotidiano diversas expressões de preconceito, seja de forma direta ou indireta. Diante dessa perspectiva, algo parece ser bem claro, apesar desses grupos serem instalados em uma categoria discriminatória, a de convir que o preconceito frente ao homossexual é diferente quando frente ao negro.

Apesar disso, independente da categoria social que se dê a tais grupos discriminados, bem como, justifique os porquês dessa condição, o que alarma é a falta de respeito e direitos humanos, convergindo para outras dimensões expressivas do preconceito, por exemplo, o exagero religioso, o nacionalismo, a diferenciação entre o gênero, o condição desviante dada ao homossexualismo, etc., caracterizando uma espécie de “ódio”, que não se refere a luta de classes, mas, a supervalorização a próprio grupo e desvalorização ao outro (TAJFEL, 1981). Assim, o preconceito vai se formando, as vezes sem “intenção”, numa condição polimorfa, surgindo desde gestos, xingamentos ou chistes discriminatórios a agressão a minoria (RODRIGUEZ KAUTH, 1998).

Munanga (2002) tem uma analogia muito clara quanto ao problema do preconceito; para esse autor, tal problema é semelhante a um *Iciberg*, onde é possível ver a sua ponta – isto é, as práticas discriminatórias a partir dos comportamentos sociais e individuais – enquanto a parte que fica submersa não tem noção de sua extensão – seriam as manifestações invisíveis do preconceito. Não se trata de desvendar o distanciamento paradigmático do culturalismo e biomaterialismo dos seres humanos, mas, ultrapassar as perspectivas taxonômicas quanto a diferenciação entre sujeitos e a flexibilidade de uma alocação categorial de sua organização social, econômica ou de cor da pele, assumindo uma ética do respeito ‘sutil’; talvez uma espécie contrato sócio-humano-racial-sexual, um *holos* - chamado sociedade - capaz de tornar as diferenças apenas para quem se isola do grupo tido como norma social.

MÉTODO

Amostra

Participaram da pesquisa 217 sujeitos da população geral da cidade de Palmas – TO com idades variando de 16 a 21 anos e de ambos os sexos, distribuídos equitativamente (51% eram mulheres). Esta amostra foi não probabilística, podendo ser definida como intencional, pois foram consideradas as pessoas que, consultadas, dispôs-se a colaborar respondendo o questionário apresentado.

Instrumento

Os participantes responderam um questionário constando de duas partes:

Escala de Atitudes Preconceituosas. Elaborada por Stephan, Ybarra, Martínez, Schwarzwald e Tur-Kaspa (1998; ver VASCONCELOS, 2001) é composta por dez itens indicadores de atitudes com relação a grupos minoritários (por exemplo, afeto, simpatia, cordialidade, ódio, hostilidade, desagrado etc.). Estas deveriam ser respondidas numa escala do tipo *Liket* de seis pontos (0 = Nunca a 5= Sempre), na qual o respondente expressa a frequência com que apresenta cada atitude frente aos grupos sociais que sofrem discriminação; neste estudo, destacaram-se os negros e os homossexuais.

Caracterização Sócio-Demográfica. Uma folha separada foi anexada ao instrumento prévio, com a finalidade de caracterizar os participantes do estudo, onde foram solicitadas informações de caráter sócio-demográfico (por exemplo, idade, sexo, estado civil etc.).

Procedimento

Para a aplicação do instrumento, inicialmente os responsáveis pela coleta dos dados, devidamente treinados, abordaram as pessoas na rua da cidade, falando diretamente com eles procurando obter sua autorização para responderem o questionário. Uma vez autorizado, os pesquisadores apresentaram sumariamente os objetivos da pesquisa, solicitando a participação voluntária dos transeuntes. Os pesquisadores estiveram sempre presentes no local em que as pessoas respondiam o questionário, a tarefa consistiu, além de apresentar os instrumentos, solucionar as eventuais dúvidas e conferir a qualidade geral das respostas emitidas pelos respondentes. Assegurou-se a todos o anonimato e a confidencialidade das suas respostas, indicando que estas seriam tratadas estatisticamente no seu conjunto. Todos os participantes responderam o questionário individualmente, sendo 15 o tempo médio necessário para o total preenchimento do mesmo.

Análise dos Dados

O pacote estatístico SPSSWIN, em sua versão 11.0, foi utilizado para tabular os dados e realizar as análises estatísticas descritivas (Média, Desvio padrão e Moda), bem como os cálculos referentes à Análise dos Componentes Principais, adotando uma rotação varimax, e o índice de consistência interna através do Alpha de Chronbach (α) e efetuadas correlações de Pearson (r).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A fim de atender o objetivo inicial desse estudo - analisar a organização item-fator da escala de atitudes preconceituosas frente aos grupos minoritários – realizou-se uma Análise dos Componentes Principais (PC). Em sua versão destinada a avaliar essas atitudes frente ao negro o uso desta técnica se mostrou meritória (KMO = 0,82; Teste de Esfericidade de Bartlett, $\chi^2 = 602,28$, $p < 0,001$) (BISQUERRA, 1989). Esta solução fatorial permitiu identificar dois componentes com eigenvalue superior a 1,00, explicando conjuntamente 52% da variância total. Os principais resultados dessa análise estão dispostos na tabela a seguir.

Tabela 1: Análise de Componentes Principais da Escala de atitudes preconceituosas frente aos Grupos minoritários.

Atitudes Preconceituosas	Grupos					
	Negros			Homossexuais		
	Fator 1	Fator 2	h^2	Fator 1	Fator 2	h^2
Simpatia	0,86		0,74	0,86		0,79
Afeto	0,81		0,66	0,86		0,77
Aceitação	0,79		0,64	0,84		0,75
Admiração	0,62		0,39	0,80		0,65
Cordialidade	0,63		0,54	0,74		0,58
Indiferença		0,69	0,52		0,58	0,47
Hostilidade		0,66	0,50		0,66	0,53
Desagrado		0,61	0,45		0,67	0,63
Rejeição		0,52	0,35		0,52	0,67
Ódio		0,42	0,41		0,63	0,47
Eigenvalue	3,87	1,33	5,20	5,01	1,30	6,31
Variância	38,70	13,30	52,00	50,01	13,02	63,03
<u>Alpha</u> (α)	0,83	0,65	0,75	0,86	0,70	0,79

Notas: h^2 = Cumunalidade; Fator 1 = Atitudes preconceituosas positivas, Fator 2 = Atitudes preconceituosas negativas.

Com uma saturação de $\pm 0,30$ assumida como satisfatória visando a interpretação dos componentes, foi observado que o primeiro fator, com eigenvalue de 3,87, reuniu 05 itens, podendo ser descrito como Atitudes Preconceituosas Positivas (por exemplo, Simpatia, Afeto, Aceitação, etc.) este fator apresentou 38,7% da variância explicativa da amostra e um Alpha de Cronbach (α) de 0,83. No segundo fator, com um eigenvalue de 1,33, também formado por 05 itens representando as Atitudes Preconceituosas Negativas (por exemplo, Indiferença, Hostilidade, Desagrado, etc.) explicando, aproximadamente, 13,3% da amostra estudada e com um Alpha de 0,65.

No que diz respeito às atitudes frente aos homossexuais observou-se também, que a escala atitudinal seguiu semelhante distribuição dos conteúdos quando comparados a das atitudes frente aos negros, concentrando-se em dois fatores, o primeiro com um eigenvalue de 5,01, reuniu 05 itens compreendido como Atitudes Preconceituosas Positivas (por exemplo, Simpatia, Afeto, Aceitação, etc.) apresentando 50,01% da variância explicativa da amostra com um indicador de consistência interna Alpha de Chronbach (α) de 0,86. No segundo fator, com um eigenvalue de 1,30, formado por 05 itens representaram as Atitudes Preconceituosas Negativas (por exemplo, Indiferença, Hostilidade, Desagrado, etc.) explicando 13,02% da variância amostral e apresentando um alfa de 0,70. Vale destacar que foi assumida uma saturação $\pm 0,30$ para análise dos itens das atitudes frente aos homossexuais, mostrando-se para isso que o uso da presente técnica é adequada (KMO = 0,90; Teste de Esfericidade de Bartlett, $\chi^2 = 994,97$, $p < 0,001$) (ver Tabela 1). Observou-se, também, uma relação direta entre os fatores ($r = 0,45$, $p < 0,001$).

Com o objetivo de avaliar, a partir de indicadores descritivos, as pontuações dos respondentes às escalas atitudinais frente aos grupos (ver tabela 2) observou-se que as atitudes positivas frente aos negros e aos homossexuais apresentaram as maiores pontuações médias e as menores pontuações foram observadas nas atitudes negativas. Especificamente, em relação aos negros, as maiores médias foram nas atitudes de aceitação (M = 4,55; DP = 0,92), cordialidade (M = 4,31; DP = 1,08), simpatia (M = 4,14; DP = 1,11), afeto (M = 4,13; DP = 1,11), admiração (M = 3,87; DP = 1,30). Quanto às pontuações para as atitudes negativas, encontrou-se em todas elas médias abaixo de 1,60, a aproximadamente, quase 0 (zero).

No que diz respeito às atitudes frente aos homossexuais foi observado, apesar dos participantes apresentarem médias menores quando comparadas às encontradas nas atitudes frente aos negros, que houve também, uma hierarquia quanto às pontuações médias, a qual também, apresentou médias superiores para atitudes positivas e menores para as negativas: por exemplo, as positivas foram aceitação (M = 4,55; DP = 1,85), cordialidade (M = 3,18; DP = 1,66), simpatia (M = 2,72; DP = 2,34), afeto (M = 4,13; DP = 1,82) e admiração (M = 3,87; DP = 1,75). Uma observação mais detalhada para a atitude positiva frente tanto aos negros quanto homossexuais é que, mesmo neste tipo de atitude a qual pressupõe na existência de um não

preconceito, já que os sujeitos os valorizam tanto, trata-se de uma pontuação mais alta para atitudes como cordialidade e aceitação para ambos os grupos, tendo as outras diminuindo em discretas médias.

Tabela 2: Análise descritiva das atitudes preconceituosas frente aos grupos minoritários.

Atitudes Preconceituosas	Grupos					
	Negros			Homossexuais		
	M	DP	Mo	M	DP	Mo
Simpatia	4,14	1,11	5	2,72	2,34	4
Afeto	4,13	1,11	5	2,56	1,82	0
Aceitação	4,55	0,92	5	2,71	1,85	5
Admiração	3,87	1,30	5	1,85	1,75	0
Cordialidade	4,31	1,08	5	3,18	1,66	0
Indiferença	0,58	1,24	0	1,37	1,75	0
Hostilidade	1,60	1,97	0	1,60	1,84	0
Desagrado	0,56	1,16	0	1,61	1,77	0
Rejeição	0,28	0,82	0	1,52	1,79	0
Ódio	0,26	0,84	0	0,55	1,26	0

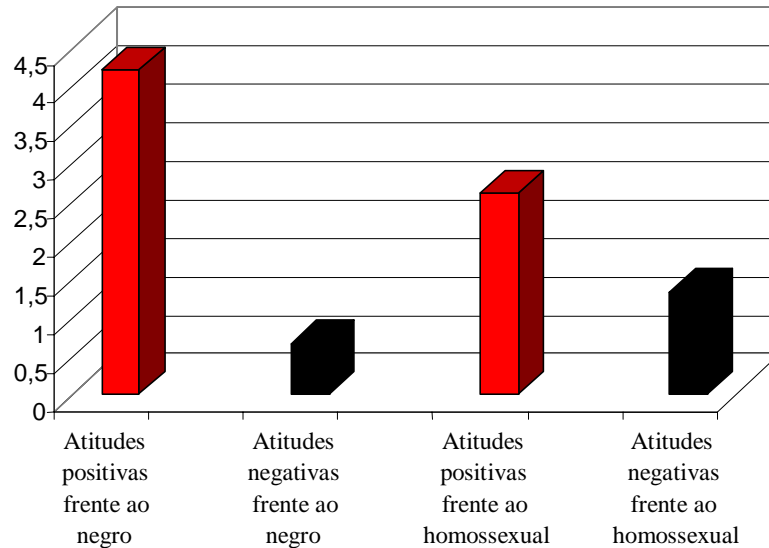
Notas: Grupo 1 = Negros e Grupo 2 = Homossexuais. A escala variava de 0 = **pouco** a 5 = **muito**. Mo = Moda, M = média e DP = desvio padrão.

Visando maior clareza das respostas em relação às atitudes preconceituosas, optou-se por realizar uma medida de tendência central, neste caso considerou-se que a moda (Mo) seria viável para atender o objetivo proposto. Esta medida estatística é utilizada com objetivo de avaliar a maior frequência de resposta dos sujeitos na escala de resposta utilizada. A partir dessa técnica estatística os respondentes apresentaram uma maior concentração no extremo da escala que indica o **muito** frequente para as atitudes positivas frente aos negros, bem como, foi percebido que para as atitudes negativas, também, houve uma polarização do extremo da escala que indica o **pouco** frequente para essas atitudes (ver Tabela 2). No que diz respeito às atitudes frente aos homossexuais, o cálculo da moda (Mo) revelou os resultados diferentes. Observa-se que, praticamente, todas as modas estiveram indicadas no extremo 0 (zero) representando a existência de pouco preconceito frente a esse grupo. Ao salientar a supervalorização dessas atitudes, não somente exageraram-se as atitudes negativas, mas também, a maioria das atitudes positivas.

Porem, ao considerar a pontuação total das atitudes positivas e negativas frente aos grupos, as atitudes preconceituosas positivas foi mais comum frente aos negros e homossexuais do que a negativa. Observando a escala de resposta (0 = **pouco** a 5 = **muito**), os respondentes apresentaram uma média entre 4,22 frente aos negros e de 2,61 frente aos homossexuais (ver

Gráfico); apesar encontrar para estes grupos atitudes positivas elevadas, esta foram maiores para os negros. Porém, entre a atitude negativa geral, esta apresentou maior pontuação para os homossexuais do que para os negros.

Gráfico: Pontuação média do preconceito frente aos grupos minoritários



Por fim, procurou-se avaliar a correlação entre as atitudes frente aos grupos minoritários, pois se esperava, independente do grupo social enfatizado no estudo, que eles viessem apresentar uma convergência correlacional, afinal preconceito existe para qualquer categoria social minoritária que seja enfatizada. Desta forma, a partir de uma correlação de Pearson foi observado o seguinte resultado, todos significativos ($p < 0,05$): atitudes preconceituosas positivas frente aos negros relacionou-se diretamente com as atitudes positivas frente aos homossexuais ($r = 0,34$), da mesma forma ocorreu com as atitudes preconceituosas negativas frente aos negros e homossexuais ($r = 0,46$).

De modo geral, pode-se considerar que os objetivos deste estudo foram alcançados. Primeiramente, acerca da validação para o contexto brasileiro da Escala de Atitudes Preconceituosas. O instrumento em questão apresentou uma estrutura fatorial clara, sendo observados dois fatores tanto para a aferição com relação aos negros quanto aos homossexuais quanto a sua análise descritiva da frequência dessas atitudes. Também se comprovou a consistência interna da escala, sendo considerada satisfatória. Ademais, apresenta-se como ponto positivo o fato da validação ter sido realizada com uma amostra que contemplou pessoas da população geral.

Nesse sentido, a escala utilizada apresenta parâmetros psicométricos adequados para a sua utilização em estudos brasileiros, sem, contudo, negar a necessidade de replicabilidade em diferentes contextos. Considera-se, portanto, que embora válidos e pertinentes, os resultados obtidos não se prestam a generalizações. Ainda, um aspecto deveras importante a se destacar é

que as atitudes aqui buscam enfatizar a dimensão afetiva, isto é, a atração ou inclinação do sujeito frente a esses grupos sociais. Assim, a atitude positiva pode ser compreendida como uma avaliação real e sem dúvidas, visando o envolvimento, quanto a atitude negativa aponta para separação ou afastamento, em que o sujeito prefere não participar ou envolver-se com os membros do grupo. Com isso, pode-se compreender a primeira como um preconceito sutil e camuflado e a segunda como tradicional.

Faz-se importante, portanto, comentar outros resultados observados. Estes destacam as diferenças encontradas em relação aos dois grupos aqui considerados. Quando analisado as pontuações médias destinadas aos negros, observou-se que a maior pontuação nas atitudes positivas foi em aceitação, já para os homossexuais foi cordialidade. Dentre as atitudes positivas a menor pontuação foi em admiração para ambos os grupos minoritários. No que diz respeito às atitudes negativas, a maior pontuação foi em desagrado para o grupo de homossexuais, já para os negros a atitude foi hostilidade.

Com isso, ao considerar esses resultados o que parece ter mudado é a qualidade das formas de expressar o preconceito, pois se observa que, com relação à quantidade, não houve redução na intensidade desse fenômeno, provavelmente em função de novas práticas institucionais que pregam a exclusão de atos discriminatórios, vindo a materializar novas formas dessa manifestação (FORMIGA; GOUVEIA; SANTOS, 2002; NAVAS, 1998). Independente da categoria social que se dê aos grupos discriminados, bem como, justifique os porquês de tal condição, algo sim é bem assustador, a falta de respeito pelo ser e direito humano, convergindo para outras dimensões expressivas do preconceito, por exemplo, o exagero religioso, o nacionalismo, a diferenciação entre o gênero, etc., caracterizando uma espécie de ódio, que não se refere a luta de classes. Assim, o preconceito vai se formando, as vezes sem “intenção”, porém em condição polimorfa, indo desde gestos, xingamentos ou chistes discriminatórios a agressão aos grupos minoritários (RODRIGUEZ KAUTH, 1998).

De fato, ao considerar estes resultados, é destaque a analogia enfatiza por Munanga (2002) que referenciamos no início do trabalho, quanto ser o preconceito no Brasil um problema semelhante a um *Iciberg*; vimos apenas a ponta dele, representadas nas práticas discriminatórias a partir dos comportamentos sociais e individuais, porém, a parte submersa ainda não temos noção da extensão dela, as quais poderíamos salientar como sendo as manifestações encobertas e sutis desse fenômeno preconceito. Em análises recentes acerca de algumas considerações sobre as pesquisas que tratam destes temas, é apontado que, em geral, o preconceito e sua manifestação (por exemplo, a prontidão para o contato social) têm proposto conclusões generalizadas que desconsideram os motivos e interesses particulares de cada grupo na situação de suposto conflito intergrupais (GOUVEIA; GUERRA; MARTINEZ; PATERNA, 2004). Por exemplo, Gómez e Huici (1999), tratando da questão de intervir nos valores para modificar o nível de preconceito em direção a exogrupos consideram que não existe uma estratégia única a seguir: determinadas condições que podem ser mais favoráveis para melhorar as relações intergrupais dependem das

características dos grupos em questão (por exemplo, se é mais ou menos aberto às mudanças de atitudes com relação ao exogrupo, ou se é menos propenso a estereotipar).

Outro aspecto apontado na literatura diz respeito a necessidade de estudar a disponibilidade de contato que os membros dos grupos minoritários têm com membros de um grupo dominante. Quanto a isso, Sagiv e Schwartz (1998) assinalam que o tipo motivacional que orienta o grupo minoritário pode ter efeito na intenção de contato com o grupo dominante, contrariamente ao que se tem escrito de que sempre existe maior disponibilidade do primeiro em comparação com o segundo. Considerando-se os aspectos abordados neste estudo, destaca-se que este contribuiu para apontar questões de importância no âmbito da Psicologia Social, visando complementar discussões às análises da complexa trama social em que estão inseridas as pessoas e suas relações concretas e subjetivas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, F. J. B.; VASCONCELOS, T. C. & COELHO, J. A. P. M. Análise psicossocial do assentamento e seu entorno. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, n. 17. v. 2, p. 233-242. 2004.

ALLPORT, G. W. *The nature of prejudice*. Reading, Mass: Addison-Wesley Publishing. 1954.

AMADIO, O. D.; OMAR, A.; FORMIGA, N. S. La emergencia del prejuicio discriminatorio: A la luz de la inseguridad socioeconomica percibida. *Anais do I congresso brasileiro psicologia: ciência & profissão*. São Paulo: SP. [Resumo eletrônico]. 2000.

BAR-TAL, R. Las creencias grupales como expresión de la identidad social. Em: J. F. Morales; D. Paez; J. C. Decampes & S. Worchel (Orgs.) *Identidad Social: Aproximaciones psicossociales a los grupos y a las relaciones entre grupos*. Valencia: Promolibro. 1996. p. 255-285.

BIERNAT, M.; VESCIO, T. K.; THENO, S. A.; CRANDALL, C. S. Values and prejudice: Toward understanding the impact of American values and outgroup attitudes. Em C. Seligman; J. M. Olson & M. P. Sanna (Eds.), *The psychology of values: the Ontario Symposium*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates. 1996. p. 153-189. vol. 8.

BROWN, R. *Prejudice: Its social psychology*. Oxford: Blackwell. 1995.

CAMINO, L. Uma abordagem sociológica ao estudo do comportamento político. *Psicologia & Sociedade*, n. 8, p. 16-42. 1996.

CAMINO, L.; SILVA, P.; MACHADO, A.; PEREIRA, C. A face oculta do racismo no Brasil: Uma análise psicossociológica. *Revista de Psicologia Política*, n. 1, v. 1, p. 13-36. 2001.

COSTA, D. M. F. Aspectos do preconceito étnico em relação ao negro: um estudo empírico no setor supermercadista de João Pessoa. *Dissertação (Mestrado em Psicologia)*. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2001

COSTA, E. I.; MACIEL, C.; CAMINO, L. O conhecimento do outro: Explicações em termos de cognição social. Em: L. Camino (Org.) *Conhecimento do outro e a construção da realidade social: Uma análise da percepção e da cognição social*. João Pessoa: Editora Universitária. 1996. p. 61-118.

DIGROTAS, S. M.; INSKO, C.; SCHOPLER, J. Mera categorización y competición: Un examen más detallado de la teoría de la Identidad Social y del efecto de discontinuidad. Em: J. F.

Morales; D. Paez; J. C. Decampes e S. Worchel (Orgs.) *Identidad Social: Aproximaciones psicossociales a los grupos y a las relaciones entre grupos*. Valencia: Promolibro. 1996. p. 355-278.

DOISE, W. Las relaciones entre grupos. Em S. Moscovici (Org.). *Psicologia Social*. Barcelona: Paidós. 1991. p. 307-332.

FORMIGA, N. S. As bases normativas do sexismo ambivalente: A sutileza do preconceito frente as mulheres à luz dos valores humanos básicos. Em: Marcus E. O. Lima e Marcos E. Perreira (Orgs.). *Estereótipos, preconceitos e discriminação: Perspectivas teóricas e metodológicas*. Salvador: Editora UFBA. 2004. p. 259-276.

FORMIGA, N. S.; SANTOS, M. N.; SANTOS, O. M. Estereótipos dos alunos de psicologia e ciências contábeis sobre o psicólogo: opinião de graduandos. *Revista da Unipê*, n. 3. v. 2, p. 14-21. 1999.

FORMIGA, N. S.; YEPES, C.; ALVES, I. A ambivalência da discriminação: Um estudo em termos das atitudes preconceituosas frente ao negro, as mulheres e os homossexuais. *Anais da IV Jornada de Iniciação científica do CEULP-ULBRA*, (pp. 528-530). Palmas-TO: CEULP-ULBRA. [Resumos]. 2004.

GAERTNER, S. L.; DOVIDIO, J. F. (1977). The subtlety of white racism, arousal and helping behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, n. 35, p. 691-707. 1977.

GAERTNER, S. L.; DOVIDIO, J. F. *Prejudice, discrimination and racism*. San Diego: Academic Press. 1986.

GLICK, P. et al. Beyond prejudice as simple antipathy: Hostile and Benevolent sexism across cultures. *Journal of Personality and Social Psychology*, n. 79, p. 763-775. 2000.

GLICK, P.; FISKE, S. T. The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, n. 70, p. 491-521. 1998.

GÓMEZ, A.; HUICI, C. Valores y reducción del prejuicio. Em: M. Ros & V.V. Gouveia (Orgs.). *Psicología social de los valores humanos: Avances teóricos, metodológicos y aplicados*. Madrid: Alianza Editorial. 1999. pp. 219-237.

GOUVEIA, V. V.; GUERRA, V. M.; MARTINEZ, M. C.; PATERNA, C. O individualismo e o coletivismo como explicadores do preconceito frente aos negros. Em: Marcus E. O. Lima e Marcos E. Perreira (Orgs.). *Estereótipos, preconceitos e discriminação: Perspectivas teóricas e metodológicas*. Salvador: Editora UFBA. 2004. pp. 161-182.

JONES, J. M. Racismo e preconceito. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1972.

KATZ, I.; HASS, R. G. Racial ambivalence and american value conflict: correlational and priming studies of due cognitive structures. *Journal of Personality and Social Psychology*, n. 2, p. 23-45. 1986.

LACERDA, M.; PEREIRA, C.; CAMINO, L. Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das Representações Sociais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, n. 15, v. 1, p. 165-178. 2002.

LIMA, M. E. O impacto do igualitarismo e da meritocracia individualista no preconceito automático contra os negros. *Anais do III congresso norte-nordeste de psicologia. Construindo a psicologia brasileira: Desafios da ciência e prática psicológica*. João Pessoa-PB. [Resumos]. 2003. p.237. Vol. 1.

LIMA, M. E. O.; VALA, J. Serão os estereótipos e o preconceito inevitáveis? O monstro da automaticidade. Em: Marcus E. O. Lima e Marcos E. Perreira (Orgs.). *Estereótipos, preconceitos e discriminação: Perspectivas teóricas e metodológicas*. Salvador: Editora UFBA. 2004. pp. 41-68.

MARTÍNEZ, M. C. M. *Análisis psicosocial del prejuicio*. Madri: Editorial Sintesis. 1996.

MCCONAHAY, J. B.; HOUGH, . Modern racism and modern discrimination: the effects of race, racial attitudes and context on simulated hiring decisions. *Journal of Social Issues*, n. 2, p. 23-45. 1976.

MUNANGA, K. Prefácio. Em: I. Carone e M. A. S. Bento (Orgs.). *Psicologia social do racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes. 2002. pp. 9-11.

MYERS, D. G. Preconceito: O ódio ao próximo. Em: *Psicologia social*. Rio de Janeiro: LTC. 2000. pp.181-206.

NAVAS, M. S. Nuevos instrumentos de medida para el Nuevo racismo. *Revista de Psicología Social*, 13, 223-239. 1998.

OASKES, P. J.; HASLAM, A.; TURNER, J. C. (1994). *Stereotyping and social reality*. Oxford: Blackwell. 1994.

PEREZ, J. A. Nuevas formas del racismo. Em: J. F. Morales e S Yubero (Orgs.) *Del racismo al prejuicio: perspectivas psicossociales*. Valencia: de Castilla-La Mancha. 1996.

PETTIGREW, T. F.; MEERTENS, R. W. Subtle and blatant prejudice in western Europe. *European Journal of Social Psychology*, n. 25, p. 57-75. 1995.

SAGIV, L.; SCHWARTZ, S. H. Determinants of readiness for out-group social contact: dominance relations and minority group motivations. *International Journal of Psychology*, n. 33, p. 313-324. 1998.

STEPHAN, W.; YBARRA, O.; MARTÍNEZ, C.; SCHWARZWALD, J.; TUR-KASPA, M. Prejudice toward immigrants to Spain and Israel: an integrated threat theory analysis. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, n. 29, p. 559-576. 1998.

SWIM, J. K.; MALLETT, R.; STANGOR, C. Understanding Subtle Sexism: Detection and Use of Sexist Language. *Sex Roles*, n. 51, v. 3/4, p. 117-128. 2004.

TAJFEL, H. *Grupos humanos e categorias sociais: Estudos em Psicologia Social*. Lisboa: Livros Horizonte. 1981.

THOMAS, C. A.; ESSES, V. M. (2004). Individual differences in reactions to sexist humor. *Group Processes & Intergroup Relations*, n. 7, v. 1, p. 89-100. 2004.

TOUGAS, F.; BROWN, R.; BEATON; A. N.; JOLY, S.. Neosexism: Plus ça change, Plus c'est pareil. *Personality and social psychology behavior*, n. 21. v. 8, p. 842-849. 1995.

TURNER, J. C. El campo de la Psicología Social. Em: Jose F. Morales (Org.). *Psicologia Social*. Madrid, ES: McGraw-Hill. 1994. pp. 17-28.

VASCONCELOS, T. C. Atitudes preconceituosas em relação aos negros: uma análise a partir das prioridades valorativas. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB. 2001.

VASCONCELOS, T. C.; GOUVEIA, V. V.; SOUZA FILHO, M. L.; SOUSA, D. M. F.; JESUS, G. R. Preconceito e intenção em manter contato social: Evidências acerca dos valores humanos. Mimeo. 2005.

VERA, J. J.; MARTÍNEZ, M. C. Preferencias de valores en relación con los Prejuicios hacia exogrupos. *Anales de Psicología*, n. 10, p. 29-40. 1994.

